

O VELHO, O MENINO E O BURRO (fábula)

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

As fábulas contêm profundos ensinamentos. Dentre tantas, uma, tão simples, vive na memória deste articulista, desde menino: trata-se da história de um velho, um menino e um burro, que saem de sua propriedade rural no caminho da cidade, passando por algumas aldeias; no início, o velho coloca o menino montado no burro e segue.... na primeira aldeia ouvem - “que isso? Um velho cansado puxando um menino novo, num burro?”; o velho faz a troca, monta no burro e, puxados pelo menino passam em outra vila onde escutam - “que isso? Um menino tão novo a pé, com um velho folgado e um burro tão forte?”; o velho puxa o menino e vão juntos no burro, para a cidade, passando por outra vila, onde ouvem “que isso? Esse burro não aguentará o peso desses dois. Porque não desce o velho?” E assim seguiu.

A moral e a simplicidade da fábula imitam o processo da vida nos valores e noções individuais. As pessoas, em seu processo de julgamento, carregam sua experiência de vida de acordo com os fatos que marcaram a sua alma. Também no nível político é isso o que faz da democracia um sistema tão complexo e dividido.

A história do velho e seus companheiros de viagem, trazida do mundo rural virtual ao real da cana-de-açúcar, mostra aspectos interessantes na moral da fábula e na evolução do agronegócio canavieiro: Até o final dos anos 1980, o etanol era subsidiado e a Petrobrás fazia o pagamento, às Distribuidoras, em sistema comandado pelo governo federal, com preços determinados ao consumidor em paridade com a gasolina para estimular o seu consumo, da mesma forma como se incentivava a sua produção em relação ao açúcar – na época, eram comuns comentários como “o governo está subsidiando o usineiro, com a Petrobrás pagando notas fiscais das Distribuidoras, sem criar competição e sem dar alternativa ao consumidor” - essa questão gerou, na redemocratização do país, críticas contundentes ao etanol brasileiro pela mídia e grupos de partidos de oposição ao governo de então..... isso gerou um grande mal estar em termos de campanhas políticas e o mau uso da imagem setorial – escravidão na origem; latifúndios; bóias-frias; etc.

Antes do final da década de 1980, com a queda livre dos preços do petróleo, a tentativa de controle da inflação pelo novo governo democrático, levou ao congelamento dos preços de energia trazendo como resultado, ao final dos anos 80, faltas localizadas do etanol carburante no Brasil – *“esses usineiros resolveram fazer açúcar para exportar e nós, consumidores, arcamos com a falta do produto para nossos carros a etanol (profunda inverdade)... carro a álcool, você ainda vai ter um... plante que o João garante.....!!”*; *“a Petrobrás é que montou um esquema para desmoralizar, junto com as Distribuidoras e a Anfavea, o etanol”*. Enquanto os cães ladravam, a caravana passava enfrentando essas intempéries enquanto na América rica os norteamericanos expandiam freneticamente a produção de etanol de milho.

Terminado o período do Governo Sarney, assume Collor de Melo que recupera os preços do etanol e do açúcar e inicia, com o prestigiado José Goldemberg o grande movimento da importância da biomassa cana-de-açúcar para etanol e co-geração de energia elétrica, que somente hoje está muito valorizada. Vem o impeachment e assume Itamar Franco, que assina a lei federal do uso obrigatório do álcool anidro na gasolina. A demora na assinatura, pelo Presidente, da lei aprovada no Congresso Nacional era a comprovação do temor das críticas que poderiam vir. Essa foi, talvez, a mais importante política de governo do setor, que deve ser grato ao Pres. Itamar Franco.

O Plano Real, concebido naquele governo, elege FHC em seguida, para dois ciclos onde obteve formidável votação. Tão logo toma posse, o novo governo pratica o discurso da mudança, com muito impactos positivos. No entanto, para o setor cana, considerado como *“últimas caveiras do armário”* a demora nas medidas foi séria e negativa: *“o governo vai privatizar muita coisa e reduzir a interferência no setor produtivo, desregulamentando o agrusiness canavieiro.....e, nessa linha, cortou o subsídio ao etanol, o mecanismo de distribuição do etanol foi ao mercado, sem nenhuma interferência de governo, o açúcar foi liberado de todas as amarras, a cana-de-açúcar teve mecanismo privado de definição de preço e pagamento, e os preços do etanol ficaram na dependência dos preços da gasolina.....”*; *“que absurdo, é preciso regulamentar.... a cana tem que receber preço mínimo, e o etanol tem que ser exportado; desse jeito vai todo mundo para o açúcar e vai faltar álcool outra vez....”* . Foi um período de discursos inflamados da esquerda, contra o

latifúndio e a monocultura e os do centro, defendendo o emprego e o meio ambiente: *“esses usineiros tem mercado cativo, produzem o que querem, os produtores de carros dependem deles e o consumidor é prisioneiro desse lobby”*. Terminado os dois ciclos do Governo FHC, chega a vez do partido político PT e o Presidente Lula, de quem pouco se esperava.

Para surpresa da grande maioria, inclusive do PT, o novo governo passa a defender com força a estratégia global do etanol, com apoio aos carros flexíveis e com a luta pela abertura dos mercados externos. Mas, de repente, em recaída, o governo Lula chama o setor produtivo à Brasília, para explicar os momentâneos preços altos ao consumidor..... ameaças e pressões amenizadas pela sensata ação do então Ministro Rodrigues..... os preços, na média voltam a cair e o setor produtivo veio pagando, literalmente, pela expansão do consumo do etanol, que vem ocorrendo sem correlação com os seus custos efetivos e com preços que façam sobreviver o produtor de cana. Chegam os anos dourados de preços para o etanol – 2006 e 2007, juntamente com a febre das perspectivas positivas dos combustíveis renováveis. O que se passa a ouvir é que, *“a cana-de-açúcar vem se expandindo a taxas de 2 dígitos e vai inundar o país.... os empregos são de baixa qualidade e é monocultura.... vai beneficiar a poucos e haverá concentração com capital internacional.....”*. O fato é que a expansão com novos projetos partindo do zero (greenfield) ocorreu de forma impressionante, como se a volatilidade de preços houvera terminado! O negócio era greenfield, energia elétrica e exportação. Foi um delírio tropical!!

Chega a crise de confiança (out/08), não há crédito e isso acelera o processo de concentração setorial. Enquanto isso, o etanol e o açúcar brasileiros continuam a mostrar-se ao mundo com rara competência, custos baixos e elevada capacidade competitiva. A dramática queda dos preços leva muitas unidades à venda..... *“mas o setor vai ser internacionalizado, nas mãos de multinacionais, enquanto o canavial cresce e invade áreas de alimentos ou, pior, indiretamente faz desmatar a Amazônia?”* Por outro lado um novo sistema de retorno do governo no mercado vem ocorrendo, pois o mundo todo se volta que hoje se chama de capitalismo de estado! E o que seria isso?

Pelo espaço reduzido, vamos nos ater aos movimentos pós 2ª Guerra Mundial e os seus impactos no mundo. O esquema preparado procura

caracterizar os principais momentos políticos vividos em nosso planeta a partir dos anos 1980:



O século XX mostrou modelos à direita e à esquerda, mergulhou após a queda do Muro de Berlim em efetivo liberalismo de mercado e, assim como em nossa 4ª feira de cinzas, acordou com insuportável dor de cabeça em outubro de 2008. O novo Presidente dos EUA “estatiza” a General Motors – GM, símbolo do capitalismo; apóia com trilhões bancos privados e empresas estatais; países montam seus Fundos Soberanos e, todas as nações, industrializadas e emergentes, acordam para a realidade de que 85% das reservas de petróleo pertencem às empresas estatais dos países. Passamos a viver um novo mundo.

Esse chamado capitalismo de estado, independente de Chaves, Corrêa, Evo e outros poucos, retorna com a força da regulação do que é essencial. Entre outros, a energia é essencial! E requer, de fato, o suporte de regulação mínima.

O velho, o menino e o burro retrataram a sabedoria da vida e as dificuldades da convivência social e as idiosincrasias. Alguns aspectos, em decorrência, se cristalizam na sociedade, mesmo que, por vezes absurdos. Ficam como paradigmas, como, por exemplo, que o cerrado brasileiro, não teria função; o mundo tropical não tem petróleo em volume; não há substitutos

para o petróleo; ter recursos naturais é ter papel menor. Os fatos do terço final do século XX e os do início do século XXI literalmente demoliram paradigmas como esses.

Nesse mundo globalizado, a segurança energética e o aquecimento global são questões comuns a todos e não devem receber tratamento diferenciado. O estado deve gerar as condições de coordenação que valorizem as externalidades positivas para um futuro possível às futuras gerações.

O velho montado no burro é, hoje, a versão do capitalismo de estado... o menino, no chão, é a versão da manutenção do futuro com a opção da escolha do caminho, independentemente da força do estado e do comando do capital (mas junto com eles): seria o Google; a Microsoft; o que mais? É o novo, a mudança, o futuro!

A energia move o mundo e deve fazê-lo sem arruiná-lo; o alimento vem da vida que a agricultura dá e gera a energia que move o mundo. O novo, é assim. O que antes era departamentalizado, separado, segregado é, hoje, matéria prima para tudo – hidrocarboneto fóssil vira renovável, a partir de carboidrato; carros são o sonho de sempre, movidos a alternativas mil, desde que competitivas.

Trazida para os dias de hoje, não mais questionamos se o ovo veio antes da galinha, mas qual o DNA da galinha que se quer ter; a questão não é mais se o meio de condução é para todos, mas quanto de CO₂ emite; o ambiental carrega o econômico e a tecnologia atende o social.

Coisas da evolução.....